

CERRO DA VILA

ESCAVAÇÕES EM 1971

Por

JOSÉ LUÍS DE MATOS

Nos meses de Agosto e Setembro de 1971 fizemos escavações no «Cerro da Vila», estação arqueológica situada na propriedade de «Vilamoura», freguesia de Boliqueime, Loulé.

Os objectivos principais da campanha de trabalhos, consistiram em limpar e escavar completamente certas zonas da Estação que já anteriormente tinham sido escavadas, consolidar algumas estruturas, fotografar e desenhar uma parte das mesmas, estudar, ao menos em parte, o espólio arqueológico recolhido até essa data no «Cerro da Vila».

Quanto aos trabalhos de campo dedicámo-nos inteiramente àquilo a que chamamos provisoriamente «Zona Central» deixando de lado um vasto campo de antigas escavações, e, quanto à escolha e estudo dos materiais antigos começámos a separar alguma cerâmica, trabalho que não foi terminado e no entanto deu resultados frutuozos pois pudemos identificar um espólio importantíssimo de cerâmica árabe, alguma cerâmica tardo-romana e um conjunto volumoso de cerâmica romana de boa época e de vários tipos.

*

* *

O «Cerro da Vila» localiza-se aproximadamente a dois kms a NO. da povoação de Quarteira e a perto de 400 m das costas marítimas no antigo «Morgado da Quarteira», denominado actualmente «Vilamoura».

Fica situado numa pequena elevação de terreno que não ultrapassa a cota de 10 m acima do nível médio do mar, confina a N. e a O. com uma larga depressão de terreno constituída por solos aluviais onde se obtêm cotas de apenas três a quatro metros acima do nível médio do mar e actualmente está coberta de espesso canavial. A sudeste, onde existia uma depressão de terreno semelhante, está a ser construído, desde princípios do Verão de 1971 um grande porto artificial. Para E.-NE. estende-se um largo tracto de terreno de seamedura e as cotas aí obtidas são praticamente idênticas às que achámos na zona de trabalhos de 1971; esse terreno deve recobrir ainda uma boa parte da Estação.

A área onde tinham sido feitas escavações e prospecções antes de 1971 foi quadriculada. Esta quadrícula tem a forma de um rectângulo que mede 152 m por 136 m, mas a área total da Estação é muito maior.

«Cerro da Vila», o topónimo tradicional do sítio da Estação, vem já identificado na «Charta Archeologica do Algarve — Tempos Históricos» de Estácio da Veiga (1) como povoação extinta ou arrazada da época romana», mas foi descoberto modernamente, quando o engenheiro José Martins Farrajota ao visitar o local no ano de 1963 na altura em que um tractor lavrava o campo, viu pedaços de mosaico levantados pelo ferro da máquina aparecerem à flor do solo. Uma equipa constituída pelos Srs. Ten.-Coronel Afonso do Paço, Doutor D. Fernando de Almeida e engenheiro José Farrajota, procedeu a escavações sistemáticas em 1964. Esses trabalhos estão relatados

(1) Vd. *O Archeólogo Português*, Vol. XV, Lisboa, 1910, entre as págs. 233 e 234.

em parte num pequeno artigo da autoria de dois dos membros da equipa ⁽²⁾, mas é de esperar se faça relato mais completo das mesmas, insubstituível para a compreensão plena de todos os trabalhos que se fizeram ou venham a fazer-se na Estação ⁽³⁾.

*

* *

Em 1971 estava já escavada uma boa parte da zona a que chamamos provisoriamente «Zona Central», área de terreno que voltou a ser nesse ano objecto de escavações e limpezas e constitui o assunto quase exclusivo desta memória. As suas estruturas estão desenhadas em planta no mapa anexo, e dizem-lhe respeito as fotografias que acompanham o texto.

Para S. desta zona tinham sido feitas antes de Agosto de 1971 escavações várias que descobriram por exemplo um pequeno tanque, a parte inferior de uma construção poligonal e respectivos acessos.

Para SO. viam-se também já um pequeno tanque (provável «frigidarium» dos banhos localizados na zona F, G, do mapa), uma construção subterrânea com vestígios de cobertura por abóbada de meio canhão e outras estruturas.

A NO. tinha sido descoberto o que parece ser um balneário enorme e muito complexo, com um tanque do tipo «frigidarium» que é sem dúvida dos maiores do país. Os pavimentos desta edificação estão situados a cotas de altitude muito próximas dos níveis do solo do canalial próximo.

A N. havia estruturas várias, e entre elas compartimentos com restos de estuque forrando paredes e onde se vêem pedaços de mosaicos agarrados ainda aos pavimentos.

⁽²⁾ Paço (Afonso), Farrajota (José), «Subsídios para uma Carta Arqueológica do Concelho de Loulé», Rev. *Arqueologia e História*, 8.ª série, Vol. XIII, Lisboa, 1966, págs. 67 e segs.

⁽³⁾ Vejam outras informações em: Santos (Maria Luísa Estácio da Veiga A. dos), *Arqueologia Romana do Algarve*, Vol. I, Lisboa, 1971, pág. 142 a 144, figs. 51 a 55.

Para E. da «Zona Central» estavam à vista, antes da referida campanha, paredes, condutas de água, pequenos tanques cobertos de formigão, uma estrutura que parece ter pertencido a um «columbarium», etc.

Um pouco por toda a parte se encontraram à superfície do solo escavado, pedaços de cerâmica romana, visigótica e árabe.

A delgadez do terreno agrícola e uma política de destruição sistemática das estruturas arqueológicas por parte dos antigos donos do terreno não permitiram ficarem de pé paredes altas, pelo menos no centro da Estação, embora a SO. e a NO. do «Centro», nas zonas de encosta sobre o canavial as estruturas estejam melhor conservadas.

*

* *

Na zona escolhida para iniciar a escavação sistemática do «Cerro da Vila» existe um dos conjuntos de edifícios mais importantes aí descobertos até agora, e parece ter sido o centro de uma «Villa» romana. A meio desta «Zona Central» está localizado um tanque; em volta dele existem pavimentos cobertos de mosaico e vários compartimentos, ficando-lhe a sudoeste as ruínas de pavimentos por onde se fazia primitivamente o acesso às zonas circundantes do tanque (Cf. o mapa anexo).

Longos períodos de habitação no local e reconstruções sucessivas dificultam a interpretação deste conjunto. Em alguns pontos há mosaicos sobrepostos e aglomerados de estruturas pertencentes a edifícios diferentes. A dificuldade aumenta devido ao facto de em vários locais os vestígios arqueológicos terem desaparecido. Tentámos resolver este problema recorrendo entre outros processos, ao desenho rigoroso das plantas e à verificação das cotas de altitude a que se encontraram os materiais. As cotas obtidas sobre as estruturas vêm grafadas no mapa. (1)

(1) Agradecemos à Empresa «Lusotur — Vilamoura» e principalmente ao seu Administrador Sr. Eng. Silvério Martins todo o apoio prestado que incluiu o financiamento total dos trabalhos, e aos Srs. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida e Eng. José Farrajota o valioso incentivo e ajuda.

*

* *

Estava por escavar uma larga porção de terreno compreendida entre a parede do tanque central, desenhada no mapa entre os quadrados H/12, b', c', e I/13, a', d', e os dois compartimentos do balneário dos quadrados F, G/ 12, 13, 14.

Começamos aqui por levantar uma camada de 0,25 m de terra vegetal, e por baixo apareceu-nos um compartimento de forma rectangular cortando obliquamente os quadrados H/ 12, 13 confinante com a parede O. - SO. do tanque, os alicerces de uma parede feita de pedras não aparelhadas unidas por barro grosseiro sem cimento (quadr. H/ 13, a', d', e H/ 14), a silhueta de uma vala aberta ainda não há muitos anos (quadr. G/ 13, b', c' - H/ 13, a', c'); fizeram-se depois as valas de sondagem que radiam de H/ 13, a', d' em terreno onde se não obtinha claramente o estrato de base pois era conveniente verificar se os alicerces referidos e a parede que surgiu na intersecção de G. H/ 12, 13, tinham ou não seguimento. Com excepção dos locais mencionados, o estrato de base estava subjacente à camada de terra vegetal e era constituído por um aglomerado de saibro cor-de-laranja, pequenos seixos e conchas de moluscos marinhos.

À parte os materiais que se encontraram na escavação do compartimento rectangular, não apareceu outro espólio significativo em toda esta área; recolhemos apenas alguma cerâmica romana e árabe misturada pelas lavras que, apesar disso, e como se fez sempre para todos os materiais encontrados no decurso da campanha, foi guardada com a respectiva identificação quanto ao local de achamento.

Atente-se em dois pormenores: pode ver-se no mapa que os alicerces referidos acima (quadr. H/ 13, 14) estão em simetria com o resto da parede que se vê em J/ 13, a', c', e que as cotas obtidas nos pavimentos a leste e o nível do solo virgem a oeste do tanque apresentam sensivelmente os mesmos valores.

Na área do compartimento rectangular, depois de retirada a camada de terra vegetal, a escavação continuou pela parte mais a norte (quadr. H/ 12, a', d'). Na cota de 8,51 m. surgiu o começo de

um muro paralelo à parede do tanque. A escavação feita a um nível de 8,50 m em toda a área do compartimento permitiu descobrir completamente a parte superior do mesmo muro, coberta em certos pontos de um formigão grosso, revestimento que se estenderia inicialmente à face superior do muro, mas do qual não vimos quaisquer vestígios nas duas faces laterais.

Prospectando o terreno junto da face oeste do referido muro (quadr. H/ 12, a', d'), apareceu a uma altura de 8,24 m o resto de um alicerce que, em planta, parece estar na continuação da parede desenhada em G/ 11, b'. Este alicerce de pedras não trabalhadas, unidas com cimento de forte percentagem de cal não pertencia visivelmente ao muro a que nos vimos referindo. As sondagens feitas à frente do alicerce, junto ao muro, não revelaram qualquer continuação dessa subestrutura.

Retirámos novamente uma camada de terra de 0,25 m em todo o compartimento rectangular; aqui, como nas camadas superiores, continuámos a ver misturada cerâmica romana e de tipo árabe.

Finalmente foi retirada a última camada de terra arqueológica desta área assente num estrato de base onde obtivemos cotas que vão de 8,02 m a 7,90 m. Esta camada revelou-se extremamente rica em cerâmica do tipo árabe não aparecendo cerâmica romana senão numa zona restrita (quadr. H/ 13, b', d'). Apesar da passagem das terras pelo crivo não se descobriram outros materiais na única camada onde foi possível obter um esboço de estratigrafia.

Depois deste último trabalho ficou inteiramente visível a face E. - NE. do muro descoberto no início da escavação desta estrutura, que se apresenta feito de blocos de pedra regulares sem revestimento, com uma altura que orça os 0,50 m (cf. as cotas do mapa).

Verificou-se no decorrer do trabalho que a parede do tanque paralela à anterior e limite do compartimento rectangular, estava já muito destruída, e em certos pontos quase totalmente arrazada.

A fotografia n.º 1 mostra o estádio final dos trabalhos na zona descrita.

Dois compartimentos pertencentes à subestrutura de um balneário (quadr. F, G/ 12, 13, 14, fot. n.º 2) tinham sido descobertos antes



Foto 1



Foto 2

da campanha de 1971. Aí se encontraram os restos das pilastas que sustentavam primitivamente o pavimento superior e uma parte das tijoleiras do chão onde elas assentam.

Em 1971 fez-se a escavação das terras existentes entre as pilastas, onde recolhemos fragmentos de argamassa e cerâmica comum romana, e, depois dos necessários estudos, reconstituímos dois dos arcos primitivos utilizando as tijoleiras soltas que abundavam no local.

Na sala maior do balneário descobrimos a parede S. - SE, já muito destruída. Esta parede, feita de pedra miúda e argamassa de cal, era coberta na parte superior por um formigão claro de que ainda restam vestígios, e está em ligação com os alicerces de uma outra parede escavada também por nós (feita de pedra miúda e argamassa de cal), na intersecção dos quadros G, H/ 13, 14. Esta última sub-estrutura fica muito perto do alicerce de H/ 13, 14 já refenciado atrás, e parece ter tido ligação com ele.

Foi limpa e identificada a larga canalização, escavada em anos anteriores, que atravessa os quadrados F, G, H/ 12, feita de pedra miúda e argamassa de cal e coberta interiormente de um formigão muito desfeito já. As suas estruturas estão destruídas junto da boca de saída do troço subterrâneo da canalização.

Na zona confinante à parede N. - NO. do tanque central, do lado de fora, (intersecção dos quadrados Q, H/ 11, 12) reconhecemos as fundações do pavimento primitivo debaixo de uma delgada camada de terra.

Na sondagem feita no quadrado I/ 12, a', c', verificámos não haver continuação da parede que termina em I/ 11 a', c'). Contíguo à parede do tanque (quadr. I/ 13, a', c') existe um poço, descoberto antes da campanha de 1971, cujas estruturas superiores em ruínas ameaçavam fazer tombar as paredes do tanque e os pavimentos laterais do poço. Escavado até à profundidade de 3 m a partir da superfície, só aí encontrámos a parede antiga em todo o aro deste estreito poço, parede feita de pedra aparelhada, medindo a superfície exterior de cada um dos blocos de pedra, entre 0,15 e 0,20 m de largo por 0,15 m de alto, dispostos em fileiras horizontais paralelas.

Na escavação do poço apareceu o seguinte material: a 1,20 m de profundidade um fragmento de mármore, espécie de friso de moldura de forma aproximadamente rectangular e com perto de 0,25 m de comprimento; a 1,40 m de fundo um nível de cinzas de aproximadamente 0,30 m de espessura com fragmentos de carvão resultantes da combustão de lenha miúda; a 2,50 m de profundidade um fragmento de um bocal com resto de asa e pança de uma ânfora, e o bico de forma tronco cónica de um fundo de ânfora.

Foi necessário reconstruir o poço para consolidar as estruturas mencionadas, o que se fez utilizando fragmentos de tijoleira antiga (de que havia enorme abundância à superfície da Estação no começo da campanha) e cimento moderno, levantando a nova parede em cima da antiga, mas ligeiramente recuada em relação a ela. Para consolidar ainda as estruturas desta zona foi necessário erguer por detrás do poço (quadr. I/ 13, a', d') uma pequena parede, a fim de proteger o pavimento de mosaicos que aí está e cujo assentamento estava em falso, pois as terras subjacentes caíam sobre o poço.

Para sudoeste da base da coluna que se vê no quadrado K/ 13, d' (fot. n.º 3), a escavação revelou-nos a existência de restos de um pavimento de formigão mais antigo que a própria base da coluna e onde os fundamentos desta assentavam. Em todo o caso, ainda há alguns pedaços de um pavimento de terra batida com fragmentos de argamassa de gravilha ou pedra miúda, ao nível do assentamento da base da coluna.

No mapa parece desenhar-se no quadrado J/ 13 um corredor de passagem entre a zona dos mosaicos e outras mais a E. - NE. A meio desse espaço encontrámos porém uma parede mediana, relativamente larga em alvenaria e coberta com restos de um pavimento de formigão, que se verificou estar assente sobre um chão mais antigo (cf. as cotas do mapa).

Não vimos quaisquer vestígios do pavimento que certamente cobria o terreno, na zona compreendida entre a canalização que atravessa os quadrados I/ 10 e 11 e a parede circular que termina em 10/ H, b', c', apesar da escavação ter descido até ao solo natural; apenas se recolheram pedaços de cerâmica romana e árabe de superfície.



Foto 3

Na metade E. do compartimento semicircular em forma de ábside, desenhada entre os quadrados G, H/ 10, que se apresenta cortada a meio por uma passadeira de formigão (quadr. H/ 10 a', d'), fizemos um corte do terreno até à base dos alicerces das paredes sem encontrarmos vestígios arqueológicos subjacentes ao nível dos restos do pavimento dessa estrutura, pavimento esse constituído, ao menos em parte, por tijoleiras e argamassa que ainda se vêem na metade O. da «ábside».

Os compartimentos que atravessam de viés os quadrados H, I, J, K/ 13, 14, e o que está aproximadamente a meio do quadrado K/ 14, tinham sido escavados anteriormente mas foram limpos durante a campanha apresentando-se o chão coberto de formigão cinzento com pequenos seixos arredondados (foto n.º 4, primeiro plano). Note-se a particularidade de, em dois deles, existir o alicerce de uma parede que os dividia em duas partes (quadr. H/ 14, b', d', e I/ 14, b', c'). A mesma parede parece ter existido também no compartimento que medeia entre eles (quadr. I/ 14, a', d'), mas foi provavelmente destruída quando se cavou o silo que ali está.



Foto 4

Igual operação de limpeza e reconhecimento se fez na construção sub-rectangular que aparece desenhada nos quadrados I/ 9, 10, onde as estruturas estão reduzidas a pouco mais que os alicerces das paredes. Deste edifício sai uma longa canalização em tijoleiras delgadas na direcção do tanque central, atravessando os quadrados I/ 10 e 11. Uma grossa camada de calcáreo forra-lhe o fundo e as paredes. A este cano vem juntar-se outro já perto do tanque (quadr. I/ 11, a', d'); a partir da junção dos dois localizámos os restos do pavimento da canalização durante uma parte do percurso que primitivamente terminaria no tanque.

Uma outra canalização (no quadr. J/ 12, b', c'), corre sobre um pavimento de formigão grosso cujas cotas de alturas são idênticas às dos pavimentos de mosaicos das zonas circundantes. Pela comparação das alturas obtidas na canalização anterior e nesta última, verifica-se que a do quadrado J/ 12 fica 0,10 m mais baixa que a primeira, mas sòmente após futuras escavações poderemos verificar se as duas pertencem ou não ao mesmo sistema.

Esperamos que em breve se possa fazer a consolidação e estudo cuidadoso dos mosaicos descobertos em campanhas anteriores. Não queremos no entanto deixar de notar desde já o seguinte: os mosaicos localizados na intersecção dos quadrados J, K/ 12 pertencem a um pavimento diferente daquele que fica a O. - SO. dos anteriores (quadr. J/ 12, 13) e é limitado em duas das extremidades pela parede em ângulo desenhada em J/ 13, c'; pode aliás verificar-se isso pelo exame das cotas de altitude, uma vez que os dois pavimentos não estão exactamente ao mesmo nível. Por outro lado os mosaicos que rodeiam o tanque central estão cerca de 0,30 m mais altos que os do compartimento anterior, e no canto superior esquerdo de J/ 13, a', c', há sobreposição de pavimentos de mosaicos. Repare-se também nas diferenças existentes entre os níveis de alturas que obtivemos sobre o pavimento desenhado na intersecção dos quadrados I, J/ 11, 12 e as alturas obtidas nos pavimentos de mosaicos referidos, bem como entre aquelas e as que se obtiveram no longo corredor que lhe fica a N.-NE. Um estudo atento das cotas dos pavimentos mostrará a existência de compartimentos vários nesta zona.

Acrescentemos ainda uma breve nota sobre a escavação de quatro silos cavados no chão, de paredes alargando para o interior e sem revestimento algum, com alturas que orçam entre 0,98 m e 1,50 m, estruturas que apareceram em vários pontos da «Zona Central».

No quadrado I/ 14, a', d', o pavimento da casa tinha abatido o que nos levou a suspeitar da existência do silo efectivamente aí localizado (fot. n.º 5). Perto da boca do silo, que tem actualmente 1,60 m de diâmetro, encontraram-se grandes pedaços do pavimento adjacente que tinha aluído e que reconstituímos posteriormente. A 0,40 m de profundidade vimos um nível de cinzas e carvões muito desfeitos com 0,03 m de espessura, e daí até à base, localizada a 1,50 m de fundo, apareceu-nos um estrato constituído por areias, cascas de moluscos marinhos, e fragmentos de cerâmica árabe vidrada e pintada de vários tipos.

Em J/ 14, a', c', uma abertura no pavimento aí existente indicava a localização de um silo cuja boca media 1,30 m de largo aproximadamente. Encontrámos a 0,20 m de profundidade um fragmento

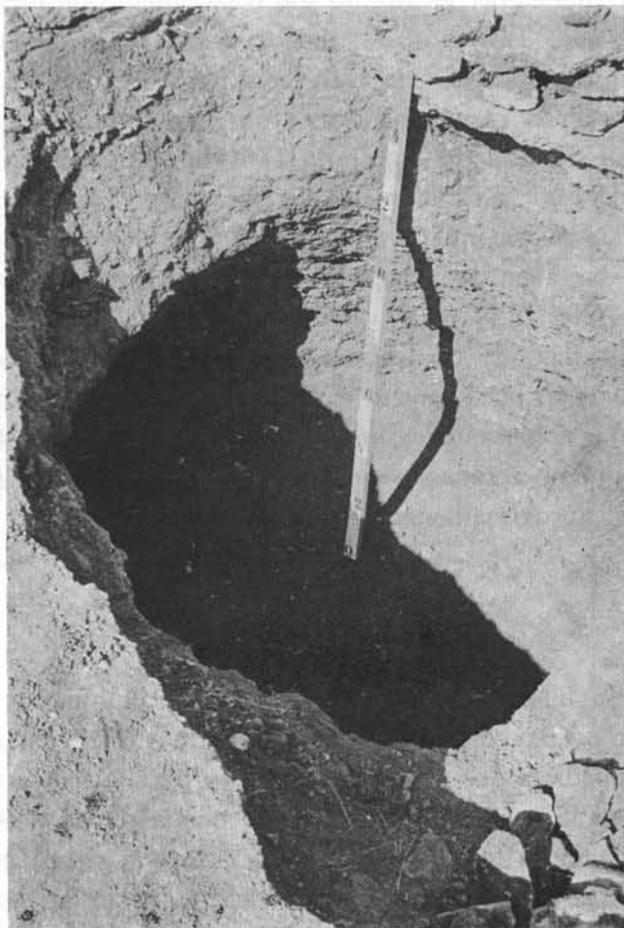


Foto 5

da parte superior de uma mó manual, a 0,40 m um pedaço de fuste de coluna (vê-se na fot. n.º 3 posto sobre uma base de coluna), e abaixo desse último nível até ao fundo do silo (1,48 m de profundidade) fragmentos de tijolo, pedras, cascas de moluscos marinhos e cerâmica de tipo árabe.

Numa abertura arredondada do pavimento existente em K/ 14, c' desenhava-se a boca de um outro silo (1,30 m de diâmetro máximo). Na escavação apareceram pedaços de estuque pintado, e verificámos pela análise das paredes desta estrutura que ela fora cavada através de um estrato constituído por pedaços do mesmo estuque (de 0,10 m

a 0,15 m de espessura) localizado sob o pavimento de formigão onde foi aberto o silo. Tal como nos outros, havia perto da base do silo cascas de moluscos e cerâmica árabe misturados (altura total 0,98 m).

Já no final da campanha e fora da zona abrangida pelo mapa, (na área aproximada do quadrado I/ 15), apareceu um outro silo com perto de 1,60 m de diâmetro de boca, contendo perto desta um vaso cerâmico quase inteiro pintado com motivos muito comuns na cerâmica árabe, além de pedaços da mesma cerâmica de tipos diferentes; (altura total, 1,50 m).

As fotografias n.ºs 3 e 4 apresentam dois aspectos de conjunto da «Zona Central». A n.º 3 mostra em primeiro plano o quadrado K/ 14 e a câmara foi voltada aproximadamente para NO., a n.º 4 deixa ver em primeiro plano a zona do quadrado H/ 15 e a câmara foi dirigida para N.-NE. aproximadamente.

*

* * *

Foi nossa intenção publicar os resultados obtidos na escavação do «Cerro da Vila» durante a campanha de 1971. Julgamos útil a publicação imediata dos resultados, embora parciais, de uma escavação, antecedendo os estudos de conjunto, pois algumas vezes é necessário esperar muito tempo por eles, e existe o perigo, (infelizmente bem real) de se perderem entretanto os elementos de análise que permitiriam fazer as sínteses últimas.

R É S U M É

«Cerro da Vila», c'est un toponyme originé par l'existence locale d'une ancienne «villa» romaine; elle a vécu, au moins, jusqu'à la période arabe.

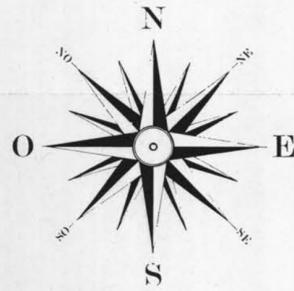
A présent l'endroit appartient à une grande société touristique qui désire, depuis quelques années, l'assistance des archéologues pour que l'on puisse découvrir, étudier et protéger les ruines. Il y a là des mosaïques tardives, assez de céramiques romaines (sigillé et commune) et des nurmaies (bronzes) de la même époque; enfin, de la céramique mauresque.

L'A. donne un court aperçu sur les résultats de ses derniers travaux, qui ont porté sur les thermes. (F. A.)

VILAMOURA - CERRO DA VILA

ESCAVAÇÕES E RECONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO

agosto/setembro de 1971 escala 1:100



LEGENDA

simbologia

-  FORMIGÃO
-  FORMIGÃO GROSSO
-  PAREDE DE PEDRA E ARGAMASSA
-  MOSAICO
-  TERRA VIRGEM
-  TIJOLEIRAS
-  ESTRUTURAS RECONSTRUIDAS

